Tiago Hermano Breunig*

DOI: 10.32334/oqnfp.2024n55a1004

Nietzsche em Apipucos

Nietzsche in Apipucos

Resumo

Este artigo procura contribuir para o estudo da recepção de Friedrich Nietzsche na obra de Gilberto Freyre, especialmente em sua interpretação da cultura e da sociedade brasileiras, a partir do cotejo entre textos de Freyre e os livros de e sobre Nietzsche preservados em sua biblioteca pessoal, mantida pela Fundação Gilberto Freyre, no bairro de Apipucos, em Recife. Compreende o entendimento do conceito de perspectivismo em Nietzsche como um processo de identificação que, por um lado, estimula Freyre a questionar teorias evolucionistas, deterministas e racialistas predominantes, mas, por outro, justifica o uso e o abuso de Nietzsche. Para tanto, o artigo considera a intermediação da interpretação de Henry L. Mencken na leitura de Nietzsche por Freyre.

Palavras-chave: perspectivismo; recepção; Friedrich Nietzsche; Gilberto Freyre.

* Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). tiago.breunig@ufpe.br

Recebido em: 31/01/2025 Aceito em: 09/06/2025

Abstract

This article aims to contribute to the study of the reception of Friedrich Nietzsche in the work of Gilberto Freyre, especially in his interpretation of Brazilian culture and society, by comparing Freyre's texts with the books by and about Nietzsche preserved in his personal library, maintained by the Gilberto Freyre Foundation, in the neighborhood of Apipucos, in Recife. It explores the understanding of Nietzsche's concept of perspectivism as a process of identification that, on the one hand, encourages Freyre to question prevailing evolutionary, deterministic, and racialist theories, but on the other, justifies the use and abuse of Nietzsche. To this end, it considers the intermediation of Henry L. Mencken's interpretation in Freyre's reading of Nietzsche.

Keywords: perspectivism; reception; Friedrich Nietzsche; Gilberto Freyre.

Em sua biblioteca pessoal, preservada pela Fundação Gilberto Freyre, localizada em sua antiga casa no bairro de Apipucos, em Recife, Gilberto Freyre conservou uma edição francesa de 1921 de *Humano, demasiado humano*, de Friedrich Nietzsche. No livro, tradução de Alexandre-Marie Desrousseaux, Freyre destaca a seguinte passagem com um risco vertical a grafite na margem do texto: "Neste sentido me parece que a famosa luta pela sobrevivência não é o único ponto de vista a partir do qual se pode explicar o progresso ou o fortalecimento de um homem, uma raça."[1] O destaque do jovem leitor pernambucano resume, de certa maneira, interesses que depreende, de uma forma muito particular, da obra de Nietzsche, no desenvolvimento de sua interpretação do Brasil e da cultura brasileira, compreendidas a partir de um determinado "ponto de vista" que parece exemplificar o seu entendimento do perspectivismo de Nietzsche e justificar aquela forma muito particular de o interpretar.

1 Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano:* um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 156. Na tradução de A.-M. Desrousseaux: "Dans ces conditions, le fameux combat pour l'existence me paraît n'être pas le seul point de vue d'où peut être expliqué le progrès ou l'accroissement de force d'un homme, d'une race." Cf. Nietzsche, F. *Humain, trop humain:* première partie. Trad. A.-M. Desrousseaux. Paris: Mercure de France, 1921. vol. 2, p. 6-7. Optamos por reproduzir, no corpo do texto, a tradução para o português de Paulo César de Souza dos textos de Nietzsche, mantendo em notas de rodapé os textos no idioma lido por Gilberto Freyre.

Pallares-Burke sugere o importante papel do conceito de perspectivismo, proveniente da leitura de Nietzsche pelo jovem Freyre, no desenvolvimento do seu aprendizado e, posteriormente, de sua obra, em que reconhece a necessidade de diferentes pontos de vista. Assim, segundo Pallares-Burke,

> *ganha sentido o conselho de Nietzsche, sublinhado por Freyre em seu livro, de que, quando se considera a história, devemos "jogar o jogo cauteloso dos pratos da balança 'de um lado - de outro lado'". É esse o caminho para o "espírito livre", que como Nietzsche enfatiza em trecho igualmente marcado por Freyre, "é um conceito relativo, pois não se trata de dizer que sua opinião é mais correta"; mas que "como regra ... ele terá a verdade de seu lado, ou ao menos o espírito de busca da verdade".*[2]

Com efeito, o conceito de perspectivismo constitui um objeto de interesse constante de Freyre, como o comprovam as suas anotações marginais no mais recente livro sobre Nietzsche encontrado em sua biblioteca pessoal, a qual, contudo, não oferece ao pesquisador todos os recursos para um estudo minucioso da recepção de Nietzsche, dados os eventos de 1930 relatados por Freyre, que podem ter comprometido sua biblioteca, bem como a catalogação ainda em curso.[3] No livro publicado em 1981, poucos anos antes da morte de Freyre em 1987, o agora mundialmente reconhecido intelectual brasileiro registra a caneta, e com linhas que não demonstram mais o mesmo vigor do

---

2 Pallares-Burke, M. L. G. *Gilberto Freyre:* um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 109.

3 Em *Tempo morto e outros tempos*, Freyre anota em entrada de 1930, quando estaria em Salvador: "Que posso dizer, sob a impressão da notícia que me acabam de dar: a de que a casa da minha família foi saqueada e queimada. Que escrever sob a incerteza do destino de papeis, livros, relíquias para mim tão preciosas?". A seguir, complementa: "sem notícias da minha família e sem saber se o saque atingiu a casa do Caldeireiro, onde estão quase todos os meus livros". Cf. Freyre, G. *Tempo morto e outros tempos:* trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). São Paulo: Global; Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006, p. 336-337. Foram considerados no levantamento deste trabalho os mais de quinze mil livros catalogados da biblioteca pessoal de Gilberto Freyre preservada pela Fundação Gilberto Freyre, que estima haver aproximadamente oito mil livros ainda por catalogar. Entre os livros de autoria de Nietzsche catalogados, foram identificados os dois volumes da primeira parte de *Humano, demasiado humano (Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister)*, na tradução francesa de A.-M. Desrousseaux. O primeiro volume se trata da 15. ed., de 1930, e o segundo, da 14. ed., de 1921. Especificamente a respeito de Nietzsche, foram identificados os seguintes livros: *The gist of Nietzsche*, de Henry L. Mencken, de 1910; *The philosophy of Friedrick Nietzsche,* de Henry L. Mencken, 3. ed., de 1913; *Selected letters of Friedrich Nietzsche*, tradução inglesa de Anthony M. Ludovici, de 1921; *Nietzsche*, de Henri Lefebvre, tradução espanhola de Angeles H. de Gaos, de 1940; 12 *ensaios de Nietzsche:* a fase de 1869 a 1873, de Wilson Lins, de 1945; e *Nietzsche e o cristianismo,* de 1981.

jovem leitor de Nietzsche, seu interesse pelo ensaio de Pierre Gisel a respeito do perspectivismo nietzscheano. Entre outras anotações no ensaio que, da obra de Nietzsche, acentua a ilusão do racionalismo compreendendo o perspectivismo de Nietzsche como um processo de identificação, Freyre sublinha uma citação de Nietzsche que questiona: "Toda existência não é essencialmente interpretativa?"[4]

O perspectivismo de Nietzsche, tomado, desde sempre, supomos, como um "ponto de vista" particular ou um processo de identificação, mas por parte de seus leitores e comentadores, parece fundamentar o uso e o abuso das ideias de Nietzsche, o perspectivismo servindo como uma forma de colocar na conta de Nietzsche as posições e opiniões de seus leitores e comentadores. Assim que Nietzsche se torna um nome recorrente na interpretação do Brasil e da cultura brasileira, como nota Dias,[5] inclusive em uma perspectiva racialista e culturalista, de que Freyre seria o exemplo mais proeminente. Mas em que a especificidade da obra de Nietzsche, que insiste numa filologia atenta, paciente, demorada, parece, com raras exceções, ignorada.

A respeito da filologia, no mesmo livro encontrado na biblioteca pessoal de Freyre, Nietzsche comemora a consolidação de "métodos corretos" de leitura provenientes do desenvolvimento da exegese e do estabelecimento e preservação dos textos, em uma "exegese estritamente filológica, isto é, de simplesmente querer entender o que diz o autor". Assim, Nietzsche conclui: "A ciência inteira ganhou continuidade e estabilidade apenas quando a arte da boa leitura, isto é, a filologia, atingiu seu apogeu."[6] Mas contrariamente a uma tal filologia apregoada por Nietzsche, figura em sua interpretação, antes, o antiacademicismo de um Henry L. Mencken, por exemplo, que, ao modo dos leitores e comentadores brasileiros, como veremos, pretende deliberadamente americanizar a filosofia de Nietzsche a interpretando, ao arrepio de seus textos, como uma sorte de darwinismo social.

Assim, apesar de Nietzsche recorrentemente condenar o cientificismo positivista e o utilitarismo, que associa aos "espíritos cativos" em contraposição aos "espíritos livres", sua filosofia facilmente se confunde com teorias raciais,

4 Nietzsche apud Gisel, P. Perspectivismo nietzscheano e discurso teológico. In: *Nietzsche e o Cristianismo.* Trad. Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 102.

5 Dias, G. *Nietzsche no Brasil (1922-1945)*: modernistas e intérpretes do país. São Paulo: Editora Unifesp; Grupo de Estudos Nietzsche, 2023.

6 Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano:* um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 184-185.

associadas a um aristocratismo e elitismo, que se apresentam como justificativa da desigualdade, tanto social quanto racial, por meio da associação com leis de seleção natural. Ao criticar, por exemplo, o "modo científico-positivista", Nietzsche afirma que

> *de todos esses sistemas positivistas desprendem-se os vapores de um certo abatimento pessimista, algo de cansaço, fatalismo, decepção, temor de nova decepção – ou então raiva ostensiva, mau humor, anarquismo indignado e o que mais houver de sintomas ou mascaradas do sentimento de fraqueza.*[7]

E quanto ao positivista Herbert Spencer, expoente do darwinismo social, Nietzsche conclui que uma "interpretação do mundo 'científica'", tal como entende Spencer e "tantos cientistas naturais materialistas", constitui uma "das mais pobres de sentido de todas".[8] Nietzsche aponta, ainda, o aspecto conceitualmente leviano "com que hoje o chamado positivismo se apresenta no mercado", bem como o "aspecto andrajoso desses filosofastros da realidade",[9] a quem se refere como "filósofos-de-fuzarca, que se denominam 'filósofos da realidade' ou 'positivistas'".[10] Sem dificuldade, o leitor de Nietzsche pode associar o "mercado" em que se apresenta o "chamado positivismo" ao discurso "Das moscas do mercado" de Zaratustra, personagem do mais reverenciado livro de Nietzsche no Brasil, que contrapõe ao "barulho dos grandes atores e o zumbido das moscas venenosas" do mercado a solidão. Zaratustra situa na solidão "os inventores de novos valores", bem como a grandeza, que passa "longe do mercado e da fama", de que deliberadamente se afasta.[11]

A interpretação de Nietzsche por Mencken, apresentado aos leitores brasileiros por Freyre, destaca, como nota Dewulf,[12] a miscigenação e um aristocratismo elitista que justifica o escravismo e a exploração de classe, com a

---

7 Nietzsche, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 240.

8 Ibidem, p. 277.

9 Nietzsche, F. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 16.

10 Ibidem, p. 107.

11 Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra:* um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 51-52.

12 Dewulf, J. New Man in the Tropics: The Nietzschean Roots of Gilberto Freyre's Multiracial Identity Concept. *Luso-Brazilian Review*, v. 51, n. 1, p. 93-111, jun. 2014, p. 103.

preservação de um claro colorido racial. Mencken, conclui Dewulf, interconectou em sua interpretação as noções de miscigenação, escravidão e aristocracia como elementos essenciais ao nascimento do superior "novo homem". Como constata Garcia, ao "vincular Nietzsche ao darwinismo social", Mencken impõe "uma interpretação racista da cultura", de modo que aparece como "pioneiro" na vinculação que fundamenta a "apropriação nazista da obra de Nietzsche na Alemanha hitlerista" e, antes, a "identidade brasileira pensada por Freyre a partir da 'fusão racial'".[13]

Sabidamente, Freyre atribui a Mencken sua mais importante obra, ao comentar, no prefácio à primeira edição de *Casa Grande & senzala*, a respeito de sua tese *Social life in Brazil in the Middle of the 19th century*, apresentada à Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Columbia em 1922: "Trabalho que Henry L. Mencken fez-me a honra de ler, aconselhando-me que o expandisse em livro. O livro, que é este, deve esta palavra de estímulo ao mais antiacadêmico dos críticos".[14] Sua tese, no entanto, como nota Pallares-Burke, "estava muito distante de *Casa-grande & senzala* e muito próxima das opiniões então prevalecentes sobre raça e as benesses da eugenia nas questões raciais",[15] o que evidencia, conforme Pallares-Burke, que Freyre, "por algum tempo, aderiu ao racismo científico que descobriu e admirou durante sua permanência nos Estados Unidos".[16] Embora as menções exageradamente elogiosas de Freyre a Mencken datem de 1921 em diante, enquanto Nietzsche aparece em suas notas de leitura desde 1915, Dewulf identifica em Mencken a intermediação entre Nietzsche e Freyre. Dewulf pretende demonstrar como Freyre aplicou ideias de Nietzsche a sua interpretação da sociedade brasileira numa tentativa de concretizar a profecia de um novo ideal, um novo mito ou, em termos nietzscheanos, um "novo homem", na forma da miscigenação:

---

13 Garcia, A. L. M. Gilberto Freyre encontra Nietzsche: diálogo crítico e relevância histórica. *Estudos Nietzsche,* Espírito Santo, v. 7, n. 2, p. 8-28, jul./dez. 2016, p. 12-14. Corrobora tal compreensão Pallares-Burke ao concluir, seguindo Edwin Black, "que ao chegar aos Estados Unidos o 'idealismo social' de Galton degenerou em uma 'cruzada eugênica mundial para abolir toda a inferioridade humana'. A liderança dessa cruzada só voltaria à Europa na década de 30, quando a Alemanha, originalmente inspirada pelo modelo norte-americano, acabaria por levá-la aos horrores do holocausto". Cf. Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 291.

14 Freyre, G. *Casa grande e senzala.* Edição crítica, Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca, coordenadores. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, São José: ALLCA XX, 2002, p. 25-26.

15 Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 266.

16 Ibidem, p. 270.

> *Por ideias nietzscheanas quero dizer ideias que se devem a Nietzsche direta ou indiretamente e que se refletem nas estratégias retóricas, estilísticas e argumentativas usadas por Freyre. Não é minha intenção discutir se Freyre interpretou corretamente as ideias de Nietzsche. Em vez disso, desejo destacar paralelos com conceitos nietzscheanos e indicar como o uso eclético, mesmo oportunista, da obra de Nietzsche permitiu a Freyre mover a discussão sobre a identidade brasileira em uma nova direção.*[17]

Nesse sentido, ao retomar as menções de Nietzsche e Mencken em suas notas de leitura reunidas em seu "diário de adolescência e primeira mocidade", *Tempo morto e outros tempos*, que Pallares-Burke recomenda ver com reservas,[18] Dewulf constata: "De fato, não apenas a interpretação de Freyre sobre a mestiçagem, como o tom aristocrático em sua profecia de um tipo de homem superior a nascer em uma sociedade patriarcal marcada pela escravidão corresponde à interpretação de Mencken de Nietzsche".[19] A respeito do contato de Freyre com a interpretação de Nietzsche por Mencken, Pallares-Burke informa que Freyre ganhou o livro de Mencken sobre Nietzsche de um amigo, em 1921, logo ao chegar a Nova York,[20] fato que Freyre noticia em artigo publicado em outubro de 1921: "Eu primeiro o conheci através dum livro – presente de amigo querido – no qual as ideias do profundo Nietzsche são remexidas e vasculhadas com rara inteligência e conhecimento raro das

---

17 Dewulf, J, op. cit., p. 94, tradução nossa. No original: "By Nietzschen ideas I mean ideas indebted to Nietzsche directly or indirectly and reflected in the rethorical, stylistic and argumentative strategies used by Freyre. It is not my intention to discuss whether Freyre interpreted Nietzsche's ideas correctly. Rather, I wish to highlight parallels to Nietzschean concepts and to indicate how the eclectic, even opportunistic, use of Nietzsche's work allowed Freyre to move the discussion on Brazilian identity in a new direction".

18 A respeito de *Tempo morto e outros tempos*, Pallares-Burke observa: "como alguns estudiosos suspeitaram há algum tempo, este trabalho se revela menos um diário do que uma autobiografia em forma de diário". A seguir, conclui: "Freyre não deixa dúvidas sobre o fato de seu diário ser, efetivamente, uma autobiografia, quando escreve a seu amigo José Lins do Rego dizendo: 'tenho acrescentado várias coisas ao diário sobre V. Está ficando um livro'." Cf. Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 24-25.

19 Ibidem, p. 104, tradução nossa. No original: "In fact, not only Freyre's interpretation of miscegenation, also the aristocratic undertone in his prophecy of a superior type of man to be born in a patriarcal society marked by slavery corresponds to Mencken's interpretation of Nietzsche".

20 Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 296.

espessas filosofias germânicas", superestima Freyre.[21] No ano seguinte, assim se refere ao autor de *The Philosophy of Friedrich Nietzsche* em seus registros de leitura: "o verdadeiramente extraordinário Henry L. Mencken".[22]

Como vimos, Nietzsche aparece nos registros de Freyre desde 1915, ao lado, no entanto, de nomes como o positivista Comte, o darwinista social Spencer e o utilitarista liberal John Stuart Mill, autores que compunham, então, o seu espectro de leituras. Em entrada datada de 1917, Freyre inclui Nietzsche entre os pensadores em que se considera "iniciado, embora de modo nenhum senhor da filosofia de qualquer deles",[23] de quem reconhece, em 1918, "não poder ler em alemão".[24] Antes, contudo, ainda em 1917, afirma não se satisfazer com Comte e nem com Spencer, anotando que, ao lado de Kant, suas "leituras atuais em filosofia vêm sendo Nietzsche, Schopenhauer, Bergson, James. Estes me salvam da impressão de que sem matemática não se pesquisa a verdade", esclarece Freyre.[25]

Anos depois, em 1921, comenta suas contraposições de leitura de filosofia, opondo, desta vez, Nietzsche a Kant, presentes entre as mais atraentes "filosofias cujos diferentes sabores venho experimentando". E "contra Comte e Mill", Freyre situa "James e Bergson", alinhando, aparentemente, Nietzsche, James e Bergson contra uma filosofia "impassivelmente ou matematicamente" orientada, incapaz, segundo o jovem leitor pernambucano, de compreender os "problemas do homem e da vida":

> *O mistério está presente nos problemas do homem e da vida com que se defronta o filósofo de um modo que não pode ser compreendido nem kantiana nem comtiana nem spinozamente – impassivelmente ou matematicamente. Isto não significa aceitar-se sem mais aquela uma solução extrafilosófica para os problemas filosóficos. Mas significa decerto admitir-se para a indagação filosófica muito mais que os meios matemáticos do conhecimento dentro dos quais querem encerrá-la como quem encerrasse uma ciência: a*

21 Freyre, G. Da outra América. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 97, n. 277, p. 1-2, 23 out. 1921, p. 1.

22 Freyre, G, 2006, p. 127.

23 Ibidem, p. 41.

24 Ibidem, p. 54.

25 Ibidem, p. 42.

zoologia ou a botânica, por exemplo.[26]

De alguma maneira, as contraposições do jovem leitor ficam registradas em sua edição francesa de *Humano, demasiado humano*, de Nietzsche, de 1921, ano em que Pallares-Burke[27] estima que Freyre o estivesse lendo. Ao final do aforismo 272, em uma de suas anotações marginais, Freyre escreve "Comte" ao lado da frase "É a recapitulação de um trabalho que ocupou a humanidade por talvez trinta mil anos",[28] antecedida pela seguinte passagem, que Freyre destaca com um risco vertical nas margens do texto:

> *Esta lhes parece também pouco digna de crédito, afinal; e a arte parece prometer cada vez mais, de modo que por algum tempo a metafísica só persiste e sobrevive transformada em arte, ou como disposição artisticamente transfiguradora. Mas o sentido científico torna-se cada vez mais imperioso".*[29]

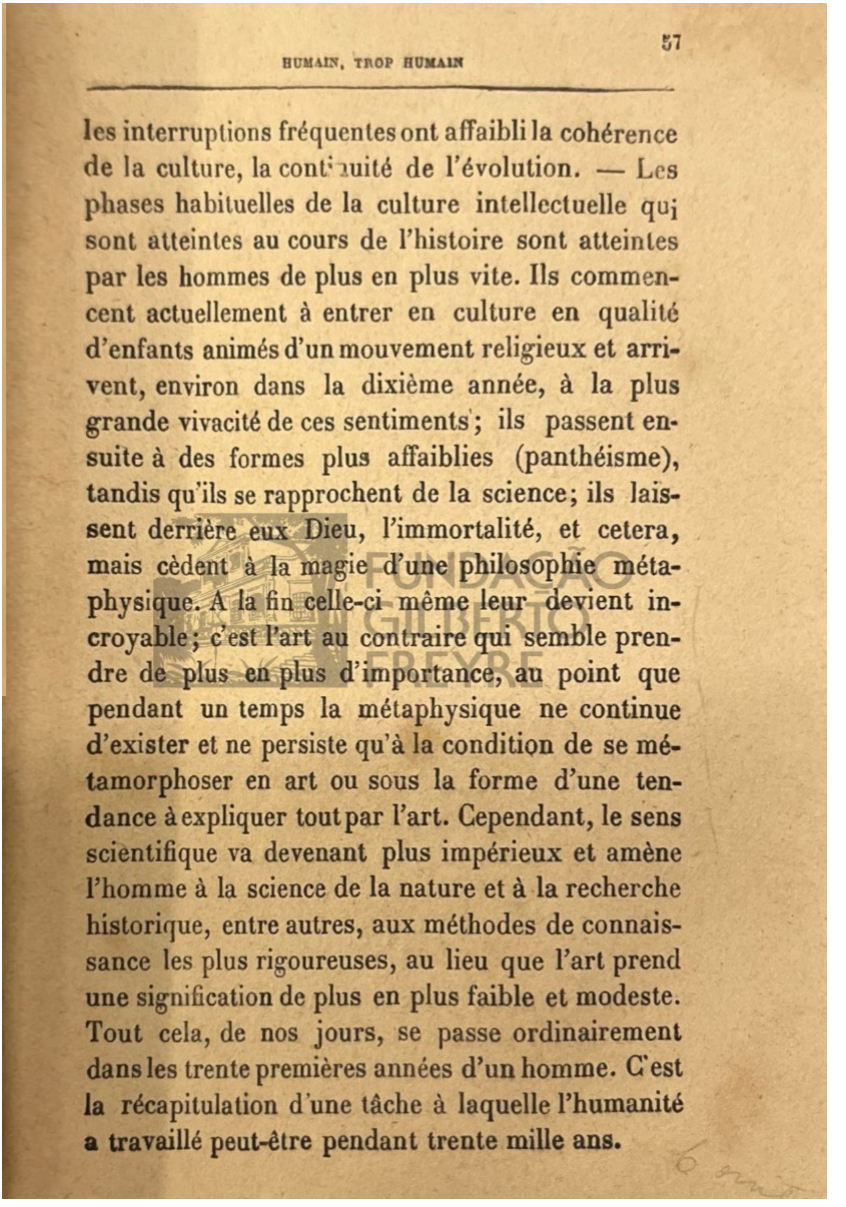
26 Ibidem, p. 87.

27 Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 106.

28 Nietzsche, F, 2000, p. 186. Na tradução de A.-M. Desrousseaux: "C'est la récapitulation d'une tâche à laquelle l'humanité a travaillé peut-être pendant trente mille ans". Cf. Nietzsche, F, 1921, p. 57.

29 Nietzsche, F, 2000, p. 186. Na tradução de A.-M. Desrousseaux: "À la fin celle-ci même leur devient incroyable ; c'est l'art au contraire qui semble prendre de plus en plus d'importance, au point que pendant un temps la métaphysique ne continue d'exister et ne persiste qu'à la condition de se métamorphoser en art ou sous la forme d'une tendance à expliquer tout par l'art. Cependant, le sens scientifique va devenant plus impérieux". Cf. Nietzsche, F, 1921, p. 57.

Figura 1 – Marginália de Gilberto Freyre



57

HUMAIN, TROP HUMAIN

les interruptions fréquentes ont affaibli la cohérence de la culture, la continuité de l'évolution. — Les phases habituelles de la culture intellectuelle qui sont atteintes au cours de l'histoire sont atteintes par les hommes de plus en plus vite. Ils commencent actuellement à entrer en culture en qualité d'enfants animés d'un mouvement religieux et arrivent, environ dans la dixième année, à la plus grande vivacité de ces sentiments; ils passent ensuite à des formes plus affaiblies (panthéisme), tandis qu'ils se rapprochent de la science; ils laissent derrière eux Dieu, l'immortalité, et cetera, mais cèdent à la magie d'une philosophie métaphysique. A la fin celle-ci même leur devient incroyable; c'est l'art au contraire qui semble prendre de plus en plus d'importance, au point que pendant un temps la métaphysique ne continue d'exister et ne persiste qu'à la condition de se métamorphoser en art ou sous la forme d'une tendance à expliquer tout par l'art. Cependant, le sens scientifique va devenant plus impérieux et amène l'homme à la science de la nature et à la recherche historique, entre autres, aux méthodes de connaissance les plus rigoureuses, au lieu que l'art prend une signification de plus en plus faible et modeste. Tout cela, de nos jours, se passe ordinairement dans les trente premières années d'un homme. C'est la récapitulation d'une tâche à laquelle l'humanité a travaillé peut-être pendant trente mille ans.

Fonte: Fundação Gilberto Freyre

A passagem trata da "filosofia metafísica", que, segundo Nietzsche, parece "pouco digna de crédito" aos "indivíduos" que, em seu crescimento cultural individual, "sucumbem ao encanto de uma filosofia metafísica" depois de terem superado a religião. Mas a passagem destacada por Freyre continua: "e leva o homem adulto à ciência natural e à história, sobretudo aos métodos mais rigorosos do conhecimento, enquanto a arte vai assumindo uma significação mais branda e mais modesta". O aforismo sugere que "as fases habituais da cultura espiritual" atingidas historicamente são recobradas individualmente e cada vez mais rapidamente, de modo que os "primeiros trinta anos da vida de um homem" recapitulam, como calcula Nietzsche ao final do aforismo, os "talvez trinta mil anos" de trabalho da humanidade.[30] Ao escrever o nome do positivista nas margens do aforismo de Nietzsche, Freyre parece estar correlacionando o aforismo com a famosa teoria de Comte das fases ou estados do espírito humano, possivelmente atento ao fato de que, enquanto para Comte o estado positivo ou científico seria o definitivo, o aforismo de Nietzsche sugere, no final das contas, a superação do homem de trinta anos que recapitula "as fases habituais da cultura espiritual": "A maioria dos jovens cultos de trinta anos retrocede nesse primeiro solstício de sua vida e a partir de então perde o gosto para mudanças espirituais. Por isso a salvação de uma cultura que não para de crescer requer imediatamente uma nova geração".[31]

Com efeito, paradoxal e ironicamente, o positivismo se tornaria religião, de modo que Freyre, diante do "Até aqui e não mais" de Comte, parece aspirar a uma nova geração, como quer Nietzsche, ao anotar a respeito dos "cientificistas": "não se apercebem do fato de que o que eles consideram 'moderno' com tanta ênfase, é um instante que depressa amadurece em antigo e apodrece em arcaico. O que é certo também da chamada 'verdade científica'"[32], escreve Freyre em entrada de 1918, em Nova York. Afinal, Nietzsche recomenda, em outro livro que não sabemos se Freyre leu, não "deixar a noite julgar o dia: pois com frequência o cansaço torna-se juiz da força, do êxito e da boa vontade. Assim também é aconselhável extrema cautela em relação à *idade* e seu julgamento da vida, uma vez que a velhice, como a noite,

30 Nietzsche, F, 2000, p. 186.

31 Ibidem, p. 185.

32 Freyre, G, 2006, p. 55.

ama disfarçar-se de uma nova e atraente moralidade".[33] Ao desenvolver sua comparação em relação aos "grandes e quase grandes homens de espírito", objetivo do aforismo, Nietzsche observa que "foi o que sucedeu enfim a esse grande, íntegro francês, Augusto Comte, ao lado do qual alemães e ingleses não têm quem colocar, tanto ele soube enlaçar e domar as ciências estritas."[34] Assim como Comte, o "grande pensador" que "envelheceu"

> *quer fundar instituições que tenham seu nome, não mais edifícios de ideias; que lhe importam ainda as vitórias e honras etéreas no domínio das provas e refutações! [...] A instituição, por outro lado, é um templo – isso ele sabe bem, e um duradouro templo de pedra mantem vivo o seu deus, com mais segurança do que as oferendas de almas delicadas e raras. [...] ele rodeia-se de objetos de veneração, de comunhão, de enternecimento e amor, ele quer ter, enfim, as mesmas amenidades de todos os religiosos, e celebrar na* comunidade *o que muito aprecia; sim, ele inventará uma religião apenas para ter uma comunidade. [...] O duro fato por trás desses desejos, no entanto, é que ele próprio* parou *em sua doutrina e nela ergueu seu marco fronteiriço, seu "Até aqui e não mais".*[35]

No mesmo ano de 1921, e ainda em Nova York, Freyre se alonga em uma tentativa de compreensão da psicologia de Nietzsche, da "intimidade do seu mundo interior", em suas palavras.[36] Tal "intimidade", inclusive, Freyre a registra na mesma edição francesa de Nietzsche. Nas margens do aforismo em que Nietzsche afirma que "A exigência de ser amado é a maior das pretensões",[37] Freyre destaca com dois riscos verticais de um lado e um risco vertical do outro, sublinhando a palavra "pretensões", e anota: "Ele falava por experiência própria". O retrato que delineia de Nietzsche se fundamenta na sugestão de que o Nietzsche aparente, ou "conhecido", se trata de "uma simulação":

---

33 Nietzsche, F. *Aurora:* reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 265-266.

34 Ibidem, p. 266.

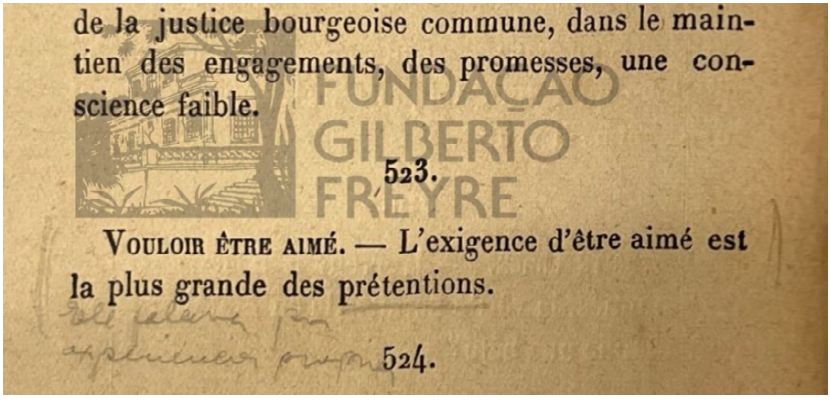
35 Ibidem, p. 267-268.

36 Freyre, G, 2006, p. 110.

37 Nietzsche, F, 2000, p. 272. Na tradução de A.-M. Desrousseaux: "L'exigence d'être aimé est la plus grande des prétentions." Cf. Nietzsche, F, 1921, p. 186.

> *Aqueles vastos bigodes – tudo cabelo postiço, grudado nos beiços com goma-arábica; e o rosto natural quase um rosto de moça. O peito arrogantemente largo – pura armação de pau; e o tórax, de verdade um tórax franzino de menino; um corpo como o de Stevenson doente de tísica em Valima. A dentuça de* he-man *também postiça; e os dentes próprios, uns dentinhos quase de leite. A fala, nada de vozeirão de Zaratustra: fala de moça. Fala de moça ralando-se nas asperezas de sons alemães como em cacos de garrafa; preferindo o luxo latino de vogais já puídas pela Madre Igreja e pela cultura greco-romana. E dentro do peito de menino, nada de pedra ou pedaço de pau em vez de coração. Um coração de verdade; e volutuosamente terno. Parecido com o Coração de Jesus das estampas devotas.*[38]

Figura 2 – Marginália de Gilberto Freyre



Fonte: Fundação Gilberto Freyre

Freyre supõe, assim, descobrir um outro Nietzsche, diferente do "autorretrato expressionista" resultado da negação dos "excessos que o predispunham a uma vida quase feminina de mole e volutuosa ternura". Curiosamente, e a despeito do psicologismo apressado de suas conclusões, Freyre apresenta um Nietzsche que contrasta com o Nietzsche dos leitores e comentadores brasileiros, que não raro o pintam como um louco, cruel, infenso a quaisquer

38 Freyre, G, 2006, p. 111.

fraquezas: um "menino, nada de pedra ou pedaço de pau em vez de coração. Um coração de verdade; e volutuosamente terno. Parecido com o Coração de Jesus das estampas devotas". A sugestão de um Nietzsche dissimulado, Freyre pode ter, inclusive, depreendido do aforismo em que Nietzsche postula a necessidade de uma dissimulação benevolente na relação com as pessoas[39] e, sobretudo, da "sobrevida dos pais" nos combates internos dos filhos,[40] questão presente, inclusive, no aforismo ao lado do qual Freyre escreve o nome de Comte, em que Nietzsche elabora metaforicamente o "crescimento da cultura individual" em termos de "pai" e "filho".[41] Ao comparar a "simulação" de Nietzsche com "a dos pais que em casa fingem rudeza para neutralizar o excesso de ternura das mães para com os filhos", sugerindo que Nietzsche quis ser o "pai rude contra a Madre Igreja", Freyre conclui que "o campo de batalha entre pai e mãe", em Nietzsche, foi "uma guerra civil dentro da própria personalidade entre predisposição feminina e masculina, desafiando uma a outra para uma luta de vida ou morte, sem contemporização nem transigência. E nós, cristãos, e uma parte dele, Nietzsche, os filhos".[42]

Curiosamente, Isaac Goldberg, que, como recorda Pallares-Burke, Freyre conheceu por meio de Oliveira Lima,[43] pinta um retrato de Mencken oposto ao do Nietzsche de Freyre: "Não há nada de feminino neste menino, como quase inevitavelmente há no início da carreira do artista. Suas atividades, desde o início, foram tão masculinas quanto suas reações. Nuances delicadas lhe escapavam; ele viu em termos de cores primárias, mas era uma visão clara e pessoal."[44] O livro de Goldberg, presente na biblioteca de Freyre numa edição de 1925, ano da primeira publicação, apresenta muitos destaques, anotações marginais e dobras, que demonstram o interesse do leitor pernambucano por Mencken, o amigo que conheceu, como vimos, por meio do livro sobre

39 Nietzsche, F, 2000, p. 197.

40 Ibidem, p. 219.

41 Ibidem, p. 185.

42 Freyre, G, 2006, p. 111.

43 Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 80. Pallares-Burke observa, ainda, que "a visita que Freyre fez a Goldberg em Boston iria ser lembrada algumas vezes com grande entusiasmo e admiração".

44 Goldberg, I. *The Man Mencken:* A Biographical and Critical Survey. New York: Simon & Schuster, 1925, p. 132, tradução nossa. No original: "There as nothing feminine about this boy, as there almost inevitably is in the early career of the artist. His pursuits, from the very beginning, were as masculine as his reactions. Delicate nuances eluded him; he saw in terms of the primary colors, but it was a clear, a personal vision."

Nietzsche, e de quem guardava, ainda, uma edição de 1910 de *The gist of Nietzsche*. Em *The man Mencken*, Freyre destaca parte da passagem acima com dois riscos verticais na margem do texto em que Goldberg descreve o menino Mencken com tais tintas por nunca ter experimentado "a crise religiosa", uma vez que não cresceu em um meio religioso, contrariamente a Nietzsche, como deve saber Freyre. A seguir, Freyre destaca com um risco vertical na margem do texto: "Por natureza, o jovem estava em guarda contra suas emoções. Sua poesia, onde se pode razoavelmente esperar que a 'fraqueza' suprimida se mostre, é predominantemente masculina, sem emoção, e mesmo antiemocional".[45] Se falta a masculinidade de Mencken no Nietzsche de Freyre, por outro lado, o "campo de batalha" ou a "guerra" que Freyre identifica em Nietzsche caracteriza o Mencken de Goldberg, que, em passagens destacadas por Freyre, sugere que o conflito interno em Mencken se revela explicitamente, e sua vida paradoxal simboliza a luta incessante, da qual se mostra consciente.[46]

As anotações marginais de Freyre demonstram, confirmando a leitura de Dewulf, seu interesse pela aristocracia em Mencken, quando, por exemplo, destaca com riscos verticais duplos dos dois lados de uma citação de Mencken, segundo a qual "uma aristocracia deve constantemente justificar sua existência".[47] Na passagem, Goldberg justifica "um dos mais cruéis truques" de August Mencken, pai de Henry, contra trabalhadores e sindicatos, evocando arbitrariamente o nome de Nietzsche: "Essa crueldade, – este eco do Nietzsche que odiava acima de tudo os Socialistas", escreve Goldberg,[48] que, adiante, relaciona o anticristianismo da esfera religiosa com o antissocialismo da esfera econômica. Ainda a respeito da aristocracia em Mencken, Freyre destaca com um risco vertical: "Seu aristocrata conquistou, como a última grande conquista, a si mesmo. Essa aristocracia, como podemos esperar, ainda não atingiu a contemplação serena de suas próprias excelências. Ela

45 Ibidem, p. 132, tradução nossa. No original: "By nature, the youth was on guard against his emotions. His poetry, where one might reasonably expect the suppressed 'weakness' to show, is predominantly masculine, unemotional, even anti-emotional".

46 Ibidem, p. 161.

47 Mencken H. L, apud Goldberg, I, op. cit., p. 163, tradução nossa. No original: "an aristocracy must constantly justify its existence".

48 Goldberg, I, op. cit., p. 162, tradução nossa. No original: "This cruelty, – this echo of the Nietzsche who hated most of all the Socialists".

deve descobrir função em oposição".[49] Curiosamente, Freyre parece derivar das concepções de Mencken sobre a aristocracia elocubrações sobre o Brasil, como sugerem suas anotações marginais em que, entre notas sobre a relação entre poemas de W. B. Yeats e Manuel Bandeira, por exemplo, parece escrever "nunca o Brasil me preocupou tanto como agora" e "ver, louvar, gestar o Brasil de longe, introspectivamente e por comparação".

Ao escrever "Idea of criticism", no idioma de Mencken, ao lado de uma citação deste, Freyre parece revelar sua identificação com a ideia de crítica de Mencken e, por extensão, com o altivo antiacademicismo e anticientificismo do "mais antiacadêmico dos críticos", conforme Freyre perifraseia o amigo,[50] como vimos, e como reitera em outros momentos, como veremos:

> *Não pretendo saber qual é a verdade. Só posso apresentá-lo como me parece hoje. Amanhã pode parecer outra coisa. A crítica "definitiva", assim como a crítica "construtiva", é praticada por burros. Nenhum julgamento "definitivo" em matéria de estética jamais durou. O primeiro objetivo da crítica é fazer o leitor se interessar pela obra criticada – fazê-lo pensar sobre ela e, se for boa, apreciá-la.*[51]

No ano seguinte ao da tentativa de compreensão da psicologia ou do retrato de Nietzsche, ou seja, 1922, Freyre declara sua "gula" pela leitura das cartas de Nietzsche, mantendo o interesse pela psicologia de Nietzsche ou, mais precisamente, pela "simulação" que julgava descobrir em Nietzsche no ano anterior. Afinal, as cartas, escreve Freyre, "são como nenhum outro documento pessoal reveladoras do caráter dos que as escreveram: mesmo quando procuram encobrir-se, fantasiar-se, parecer até o contrário do que são. Não é preciso ser Sherlock Holmes para surpreender essas simulações".[52] E do que afirma ter "visto das cartas de Nietzsche", deriva uma observação a respeito do estilo de

---

49 Goldberg, I, op. cit., p. 164, tradução nossa. No original: "His aristocrat has conquered, as the last great conquest, himself. This aristocracy, as we may expect, has not yet attained to the serene contemplation of its own excellencies. It must discover function in opposition".

50 Freyre, G, 2002, p. 26.

51 Mencken H. L, apud Goldberg, I, op. cit., p. 14, tradução nossa. No original: "I do not pretend to know what the truth is. I can only present it as it appears to me today. Tomorrow it may seem something else. 'Definitive' criticism, like 'constructive' criticism, is practised by asses. No 'definitive' judgment in an aesthetic matter has ever lasted. The first aim of criticism is to interest the reader in the work criticized – to make him think about it, and, if it is good, to enjoy it".

52 Freyre, G, 2006, p. 127.

Nietzsche que corrobora uma opinião quase consensual entre leitores e comentadores brasileiros, incapazes de situar Nietzsche entre a poesia e a filosofia:

> *Nietzsche nada tem de retórico convencional. É um* scholar *que não se desprende do artista, isto sim. E a arte do ensaísta, mesmo num Pater insistentemente artístico, estético, voluptuoso da palavra na sua prosa, quando o ensaísta é ensaísta e não orador – como em inglês Macaulay e em português Rui Barbosa – nunca resvala na retórica.*[53]

A leitura das cartas de Nietzsche, Freyre a realiza em livro presenteado pelo mesmo amigo que, como vimos, presenteia Freyre em maio de 1921, em Nova York, com o livro de Mencken sobre Nietzsche, em cuja folha de rosto escreve: "To Gilberto de Mello Freyre from his friend and admirer", seguido pelas iniciais "S.E.N.". Agora, em janeiro de 1922, ano em que Freyre declara sua "gula" pela leitura das cartas de Nietzsche, seu "amigo e admirador" o presenteia com *Selected letters of Friedrich Nietzsche*, tradução do conservador Anthony Ludovici do livro editado pelo igualmente conservador Oscar Levy, ansiando ver um dia publicado um livro com as cartas de Freyre, incluindo, evidentemente, as suas, como revela a inscrição na folha de rosto: "To my good friend and roommate Gilberto Freyre. It's my hope and expectative that the student of the next generation may have a book intitled 'Letters of Freyre', and that my descendents or successor may have a part in collecting the material for it."

Ainda em 1922, mas agora na Alemanha de Nietzsche, Freyre registra seu encantamento por Munique, mais precisamente pela sinceridade e sensualidade com que se vive, apesar dos "dias maus que a Alemanha atravessa". Curiosamente, Freyre identifica em Munique a mesma qualidade que identifica em Mencken, ou seja, a liberdade de "convenções acadêmicas", que, no caso da filosofia, associa a Nietzsche. Afinal, para Freyre, a Alemanha "dos Srs. professores doutores é também um país de grandes arrojos experimentais e antidoutorais, antiprofessorais, nas artes, nas ciências, na própria filosofia. Nietzsche deixou descendência".[54]

De volta ao Brasil, retoma, em entrada de 1928, no Recife, a mesma faceta de Nietzsche quando, ao comentar o convite para assumir a cátedra de Sociologia na Escola Normal, anota sua intenção de fundar a referida cátedra "com orientação científica, base antropológica e acompanhada de pesquisa de campo", e pondera:

---

53 Idem.

54 Ibidem, p. 140.

> *Mas tendo cuidado com o cientificismo, a que venho me referindo em vários artigos como um mal a ser evitado em nossa cultura. Portanto: conservando pontes entre a Sociologia ou a Antropologia Social científica e a humanística, filosófica e até literária. Pois precisamos não confundir a literatura dos humanistas com a literatice dos chamados "beletristas".*
>
> *A verdade é que a grande visão do Homem é a dos pensadores: a dos pensadores-poetas como Browning e como Nietzsche; a dos pensadores filósofos como Santo Agostinho, Spinoza, Hegel, Marx; a dos pensadores-ensaístas como Pascal, Montaigne, Pater, James, alguns ingleses mais novos, como, ainda agora, Havelock Ellis; ou como Santayana e Bergson; e espanhóis como Ganivet. Também a dos pensadores-místicos, como San Juan La Cruz e Santa Teresa. Como Gracián. E ingleses como Milton, Bunyan, Newman. Junto deles os antropólogos e sociólogos apenas científicos são apenas sacristães que ajudam a celebração das missas. Entendem somente de meia-missa.*[55]

Ora, o "mal a ser evitado em nossa cultura", contra o qual opõe pensadores que, como Nietzsche, ultrapassam o cientificismo que constitui apenas "meia-missa", Freyre pode ter depreendido do livro de Nietzsche atenta e interessadamente lido:

> *se a ciência proporciona cada vez menos alegria e, lançando sua suspeita sobre a metafísica, a religião e a arte consoladoras, subtrai cada vez mais alegria, então se empobrece a maior fonte de prazer, a que o homem deve quase toda a sua humanidade. Por isso uma cultura superior deve dar ao homem um cérebro duplo, como que duas câmaras cerebrais, uma para perceber a ciência, outra para o que não é ciência; uma ao lado da outra, sem se confundirem, separáveis, estanques; isto é uma exigência da saúde.*[56]

Ao diagnosticar, recorrendo ironicamente ou, ao menos, metaforicamente, a termos correntes do cientificismo, um descompasso entre a "fonte de energia" e o "regulador", Nietzsche receita que "mediante o conhecimento científico

---

55 Ibidem, p. 301-302. Antes, em 1926, Freyre alude a um Nietzsche simulado, como o que analisava cinco anos antes, ao adjetivar uma pessoa identificada como "G.A.", que tudo indica se tratar de Gilberto Amado, e que parece a Freyre como um "Nietzschiano. Bastando-se a si mesmo. Não me parece ser o que finge ser". Cf. Ibidem, p. 264.

56 Nietzsche, F, 2000, p. 173.

deve-se evitar as consequências malignas e perigosas de um superaquecimento", prevendo e precavendo o risco de que "o interesse pela verdade vai acabar, à medida que garanta menos prazer", podendo "a ilusão, o erro, a fantasia" conquistar "o território que antes ocupavam: a ruína das ciências, a recaída na barbárie, é a consequência seguinte", adverte Nietzsche.[57]

O mesmo problema Nietzsche desenvolve, agora de uma perspectiva individual, ao tratar do "microcosmo e macrocosmo da cultura" no aforismo 276, vislumbrando o homem como uma morada em que os "dois poderes", ou seja, as artes e a ciência, "ainda que em extremos opostos, possam nele habitar".[58] Ou no aforismo 268, em que Nietzsche acha "concentrada a luta que normalmente se desenrola entre duas gerações, entre pai e filho", em uma vida humana que passa por diferentes "culturas" ou "fases", promovendo uma luta "particularmente dura no indivíduo".[59] Não estaria aqui uma outra sugestão para o retrato de Nietzsche de Freyre, caracterizado, como vimos, como um "campo de batalha entre pai e mãe", uma "guerra civil" entre "predisposição feminina e masculina"? Mas, contrariamente a Nietzsche, Freyre compreende a batalha entre opostos em Nietzsche como "uma luta de vida ou morte, sem contemporização", como se no seu retrato de Nietzsche a figura de Mencken se impusesse equivocamente e, ao mesmo tempo, reveladoramente, sobre a figura de Nietzsche.

Para Nietzsche, um "sinal decisivo da grande cultura", seja em seu microcosmo, seja em seu macrocosmo, reside justamente na capacidade de harmonizar a ciência e "a poesia, a religião e a metafísica",[60] que constituem o tema do aforismo 272, em que, como vimos, Freyre anota o nome de Comte, e que nos leva a outra anotação marginal de Freyre. No aforismo 521, Nietzsche reelabora na imagem de um rio alimentado por seus afluentes a ideia de que a "força ou fraqueza da produtividade espiritual não se acha ligada tanto ao talento herdado quanto à medida de *vigor* que veio junto com ele", o "*recobrar* a cultura do pai" pelo filho, elaborada no aforismo 272 e presente nos aforismos mencionados antes:

57 Idem.

58 Ibidem, p. 188.

59 Ibidem, p. 184.

60 Ibidem, p. 189.

> Grandeza significa: dar direção. – *Nenhum rio é por si mesmo grande e abundante; é o fato de receber e levar adiante muitos afluentes que o torna assim. O mesmo sucede com todas as grandezas do espírito. Interessa apenas que um homem dê a direção que os muitos afluentes devem seguir; e não que ele inicialmente seja pobre ou rico em dons.*[61]

Ao final do aforismo, que Freyre destaca com um risco vertical, o jovem leitor anota: "E dar uma direção pessoal aos afluentes da cultura não será um dom natural que nem todos têm?". Pallares-Burke compreende que a nota de Freyre "evidencia que não se convenceu totalmente com a diminuição da importância dos talentos individuais", sugerindo a suspeita de Freyre de "ser figura incomum por seus dotes pessoais, sua cultura e sua enriquecedora experiência no estrangeiro".[62] Com efeito, Freyre parece requerer a pessoalidade e individualidade do talento, mas sobretudo o reivindica como um "dom natural". Ora, o aforismo destacado e questionado por Freyre dialoga, evidentemente, com o aforismo 263, intitulado "*Dons*", em que Nietzsche contrapõe o "*talento nato*", cuja possibilidade "cada um tem da natureza" em uma "humanidade altamente desenvolvida como a de hoje", ao "grau de tenacidade, perseverança, energia" em poucos "inato ou inculcado", necessário "para que alguém se torne de fato um talento, isto é, se *torne* aquilo que *é*, ou seja, o descarregue em obras e ações".[63] Contrariamente ao que aventa seu leitor, Nietzsche desnaturaliza a ideia de talento ou de dom "de fato", subordinando-o, antes, ao "*vigor*" da "produtividade espiritual" sustentado no aforismo 272, que Nietzsche intitula "*Os anéis de crescimento da cultura individual*", o qual converge, como os demais aforismos mencionados antes, no aforismo final da seção do livro dedicada aos sinais de cultura superior e inferior:

---

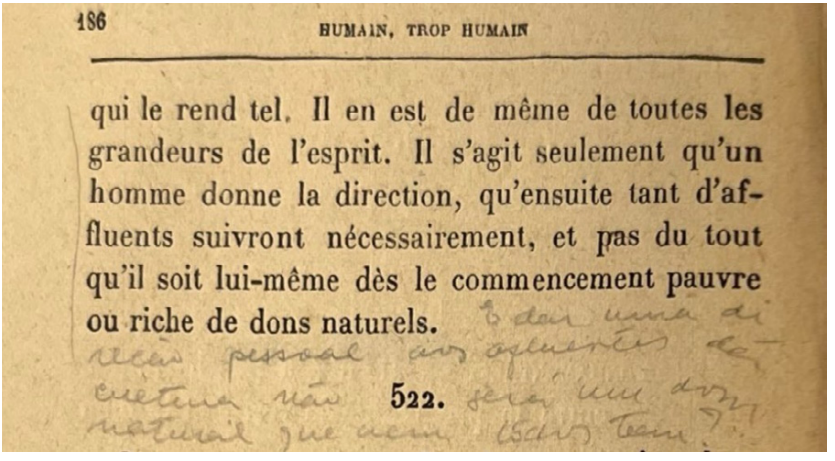
61 Ibidem, p. 272. Na tradução de A.-M. Desrousseaux: "Grandeur signifie direction. — Aucun cours d'eau n'est par lui-même grand et riche ; c'est de recevoir et d'emmener tant d'affluents secondaires qui le rend tel. Il en est de même de toutes les grandeurs de l'esprit. Il s'agit seulement qu'un homme donne la direction, qu'ensuite tant d'affluents suivront nécessairement, et pas du tout qu'il soit lui-même dès le commencement pauvre ou riche de dons naturels." Cf. Nietzsche, F, 1921, p. 182.

62 Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 169.

63 Nietzsche, F, 2000, p. 181.

> *Faça o caminho de volta, pisando nos rastros que a humanidade fez em sua longa e penosa marcha pelo deserto do passado: assim aprenderá, de maneira mais segura, aonde a humanidade futura não pode ou não deve retornar. E ao desejar ver antecipadamente, com todas as forças, como será atado o nó do futuro, sua própria vida adquirirá o valor de instrumento e meio para o crescimento. Está em suas mãos fazer com que tudo o que viveu – tentativas, falsos começos, equívocos, ilusões, paixões, seu amor e sua esperança – reduza-se inteiramente a seu objetivo. Este objetivo é tornar-se você mesmo uma cadeia necessária de anéis da cultura, e desta necessidade inferir a necessidade na marcha da cultura em geral.*[64]

Figura 3 – Marginália de Gilberto Freyre



Fonte: Fundação Gilberto Freyre

Afirmamos antes que Mencken foi apresentado aos leitores brasileiros por Freyre. Com efeito, a mais antiga menção a Mencken na imprensa brasileira data, tudo indica, de 1921, de autoria de Freyre, que o apresenta como "o mais lúcido dos críticos americanos e homem sem papas na língua".[65] Dois

64 Ibidem, p. 195-196.

65 Freyre, G, 1921, p. 1.

anos depois, no mesmo jornal, Freyre dedica um artigo ao amigo, a quem se refere como "O Stradivarius yankee", informando aos seus leitores que "o Sr. Mencken é um desses homens incapazes de ser impessoais. Incapazes de fazerem desaparecer todo o seu 'eu' num abstrato 'Nós'". Ao descrever Mencken, Freyre reitera seu conhecido antiacademicismo:

> *ele se distingue com igual relevo dos becas que pontificam nas universidades como dos oradores socialistas em mangas de camisa e dos boêmios um tanto ridículos de Greenwich Village. Distingue-se deles por uma fácil superioridade de pensar, de gosto e até de instintos. E por uma coragem rara de ser só. Só e desses sós militantes. Em luta contra as ideias mais caras à maioria que o rodeia: Soberania do povo, igualdade dos sexos, obsessão do conforto físico e das excelências mecânicas, do delírio do "sport", superioridade moral dos americanos, vantagens do voto, moral protestante.*[66]

Evidentemente, o antiacademicismo de Mencken vem acompanhado de seu antissocialismo e sua luta contra ideias como a "soberania do povo" ou a "igualdade dos sexos", assumidos com ares de superioridade corroborados pelo articulista pernambucano. Não admira, assim, que, ao enaltecer o estilo de Mencken empregado na "desvalorização dos mais caros valores de que tem vivido a democracia americana desde a Guerra Civil", que aboliu a escravidão nos Estados Unidos, critique os professores:

> *Ao serviço de sua intuição crítica e de suas ideias naturalmente inquietantes, pois importam na desvalorização dos mais caros valores de que tem vivido a democracia americana desde a Guerra Civil, o sr. Mencken põe os recursos dum inglês vivo, forte, pessoal, muito diverso desse inglês, mole, de professores, em que as palavras tomam o ar melancólico de cadáveres embalsamados.*[67]

E, por fim, Freyre compara Mencken a Nietzsche: "A desconformidade de suas ideias com as dominantes, acentua-a o sr. Mencken. Como que as sublinha à tinta encarnada, à maneira desse espantoso Nietzsche, que aliás tanto excitou os vinte e tantos anos do sr. Mencken", a respeito de quem informa

66 Freyre, G. Mencken. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 247, p. 3, 25 out. 1923, p. 3.

67 Idem.

ser "autor dum belo e forte estudo dobre Nietzsche".[68] Em entrevista publicada no mesmo jornal, em 1980, Freyre menciona novamente o amigo, reiterando, mais uma vez, seu antiacademicismo:

> *E quanto a isso me chamou a atenção um grande crítico norte-americano de quem fui amigo, Henry Mencken. Ele disse: 'Deixe esta história de universidade e vá para a Europa e tenha os seus contatos culturais livres. Você já não será um autodidata, porque já tem uma formação universitária, mas não continue, não faça de sua tese de Mestre uma de PhD. Esse negócio de Phdeísmo – já ele dizia àquela época – é uma deformação da cultura americana como o foi por algum tempo da cultura alemã. Cria especialistas num mundo necessitado de generalistas'. Isto me deu boa impressão.*[69]

Talvez o "cuidado com o cientificismo" de que trata Freyre esteja embasado menos em Nietzsche, como sugerimos antes, do que em Mencken. Ou, ao menos, em um Nietzsche lido da perspectiva de Mencken. E como constata Dewulf,

> *A interpretação de Mencken sobre Nietzsche é hoje considerada ultrapassada e enganosa. Como Vincent Fitzpatrick indicou, a tentativa de Mencken de popularizar Nietzsche padeceu de excessiva simplificação. Além disso, Mencken situou as ideias do filósofo alemão tão limitadamente no contexto da lei de seleção natural que ele, como W.H.A. Williams formulou em 1977, "darwinizou Nietzsche".*[70]

Contudo, apesar de sua excessiva simplificação, a apropriação e americanização de Nietzsche por Mencken, que resulta em sua associação pioneira, como sugere Garcia, com o darwinismo social, parece ter feito escola no Brasil. Embora o livro de Mencken sobre Nietzsche não tenha sido traduzido e publicado no Brasil, são recorrentes as perspectivas racialistas de Nietzsche por

---

68 Idem.

69 Freyre, G. Gilberto Freyre: "minha frustração é não ter sido governador de Pernambuco". Entrevista a Lêda Rivas. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 155, n. 72, seção C, p. 1, 15 mar. 1980, p. 1.

70 Dewulf, J, op. cit., p. 102, tradução nossa. No original: "Mencken's interpretation of Nietzsche is today considered outdated and misleading. As Vincent Fitzpatrick (2004) has indicated, Mencken's attempt to popularize Nietzsche suffered from oversimplification (27). Moreover, Mencken placed the ideas of the German philosopher so narrowly in the context of the law of natural selection that he, as W.H.A. Williams formulated it in 1977, 'Darwinized Nietzsche' (29)".

aqui, como Freyre mesmo evidencia ao apresentar o depoimento "positivista", como o define, de Alfredo Severo dos Santos Pereira. Para o depoente de Freyre, "a crescente miscigenação no Brasil" significa

> *progresso étnico ou biossocial, pois, o tipo ideal de raça seria precisamente aquele que resultasse da miscigenação dos três tipos raciais fundamentais. Daí, "o tipo miscigenado, como o nosso, em vez de 'sub-raça', como apregoam os seguidores de Gobineau, Nietzsche e outros" ser "em verdade 'super-raça'".*[71]

O depoente, um ortodoxo seguidor da doutrina de Comte, que Freyre critica, como vimos, por seu cientificismo, compreende Nietzsche como um equivalente de Gobineau, um dos pioneiros das teorias racistas sobre a miscigenação e degeneração. E, a partir de uma perspectiva evolucionista, desenvolvida pelo positivismo de Spencer, o depoente, que confessa, como informa Freyre, seu preconceito racial, parece reproduzir a ideologia do branqueamento por meio da miscigenação. Contrariamente ao depoente positivista de Freyre, que se opõe a Nietzsche, Azevedo Amaral, conhecido por sua postura antissemita, racista e eugenista, se apoia em Nietzsche ao abordar o "problema da cooperação intelectual na obra política da renovação da República", mantendo, entretanto, a mesma imagem de Nietzsche:

> *Nietzsche, com a sua super-humana clarividência, distinguiu em categorias luminosamente divididas as produções intelectuais da miséria e as criações do intelecto através do qual se expande a vitalidade vencedora dos organismos sadios e felizes. Antes do Zarathustra alpino ter vislumbrado genialmente essas verdades, Buckle, mais terra a terra na sólida filosofia do seu racionalismo empirista, já havia pressentido que as formas de cultura só podem aparecer quando o acúmulo da riqueza permite a existência de uma classe de indivíduos emancipados da premência absorvente da procura perene dos meios de subsistência.*
>
> *O conceito nietzscheano parece ter particular aplicação ao caso da elaboração da inteligência brasileira na obra de reconstrução política da nação.*[72]

---

71 Freyre, G. *Ordem e progresso.* São Paulo: Global, 2013, p. 239.

72 Amaral, A. Os intelectuais e a constituinte. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 106, n. 191, p. 1, 23 ago. 1931, p. 1.

O recurso a Nietzsche por Azevedo Amaral evidencia a limitação de suas ideias no contexto da lei de seleção natural, ao modo da simplificação ou darwinização promovida por Mencken. E, ao associar a divisão entre organismos com a acumulação da riqueza, reduzindo Nietzsche a um arauto do capitalismo, Amaral estende a divisão ao plano da produção cultural e intelectual, que, por extensão, delimita, ainda ao modo de Mencken, a uma elite aristocrata que, finalmente, justificaria, como observa Dewulf a respeito de Mencken, a exploração de classe. Esta a "particular aplicação" do "conceito nietzscheano" na obra de reconstrução da nação, segundo Amaral. Tal aplicação depende, evidentemente, de generalizações como a defendida por Mencken contra a especialização, corroboradas, como vimos, por Freyre, que as atribui a Nietzsche mesmo ao fazer descender dele os arrojos "antidoutorais, antiprofessorais" da Alemanha. Não admira que a "filosofia de Nietzsche" estruture "pontos centrais de sua tentativa de interpretação do Brasil", como observa Dias a respeito de Freyre,[73] constatando que a compreensão e aplicação de Nietzsche por Freyre não leva em conta a obra de Nietzsche em seu conjunto, ao mesmo tempo que a falta de precisão conceitual de Nietzsche favorece seu deslocamento para a sociologia de Freyre, cujas "interpretações dos problemas fundamentais das relações raciais no Brasil", conclui Dias, são sustentadas nos "antagonismos" que sua sociologia procurou harmonizar.[74]

Nesse sentido, como assevera Dewulf, "uma leitura 'Nietzscheana' da obra permite uma compreensão mais profunda da originalidade de Freyre na interpretação da miscigenação, bem como da natureza elitista do seu conceito de identidade",[75] em que, cremos, os "antagonismos" depreendidos de Nietzsche, a saber, o apolíneo e o dionisíaco, frequentemente compreendidos em termos raciais na interpretação da cultura brasileira na obra de Freyre, dependem mais da perspectiva de Mencken a respeito de Nietzsche do que Freyre gostaria de transparecer.[76] Mais do que, cremos, "Havelock Ellis, um

73 Dias, G, op. cit., p. 90.

74 Ibidem, p. 111.

75 Dewulf, J, op. cit., p. 106, tradução nossa. No original: "a 'Nietzschean' reading of the work enables a deeper understanding of Freyre's originality in interpreting miscegenation as well as of the problematic elitist nature of his identity concept".

76 Ao analisar detidamente o emprego das noções de apolíneo e dionisíaco por Freyre, Geraldo Dias constata que Freyre ora remete os termos nietzscheanos a Ruth Benedict, ora a Oswald Spengler. Cf. Dias, G, op. cit., p. 104-111. Freyre, por sua vez, em *Novo mundo nos trópicos*, atribui as noções a "um antropologista norte-americano" que não nomeia: "Mas as danças de carnaval apenas superficialmente é que parecem iguais em todo o Brasil. Em algumas regiões ou áreas, elas

dos primeiros ingleses a se interessar por Nietzsche e divulgar seu pensamento para o público de língua inglesa", que, conforme Pallares-Burke, "teria provavelmente funcionado como um incentivador da postura nietzschiana que Freyre precocemente admirava",[77] foi Mencken quem contribuiu decisivamente para a construção da imagem de Nietzsche aos olhos do jovem Freyre, que, por outro lado e certamente incentivado pela postura nietzscheana, logrou entrever um outro "ponto de vista", em detrimento da "famosa luta pela sobrevivência", para interpretar o "homem" e a "raça" no Brasil, como sugere a passagem de Nietzsche destacada por Freyre, superando o "abatimento pessimista" dos "sistemas positivistas" do cientificismo que aqui predominava. Cumpre observar que não constitui uma particularidade das interpretações do Brasil ou da cultura brasileira, quanto mais de Freyre, um abuso do perspectivismo que justifique um ponto de vista individual e individualista, tanto quanto racista e classista de Nietzsche, como o comprova a aplicação do "conceito nietzscheano" na reconstrução não da nação brasileira, como queria o antissemita, racista e eugenista Azevedo Amaral, mas alemã: "Se Nietzsche tivesse vivido tanto quanto Goethe ou Kant, teria visto se formar este movimento que tão ruidosamente o invoca: o hitlerismo", resume Lefebvre em livro sobre Nietzsche presente na biblioteca de Freyre.[78]

O problema da apropriação nazista de Nietzsche, inclusive, seria pautado, no Brasil, justamente por um amigo de Freyre. Em artigo de 1942, publicando no mesmo jornal em que Freyre escrevia regularmente, José Lins do Rego pergunta: "Nietzsche é ou não é o mestre de Hitler?" A pergunta pressupõe, evidentemente, um debate em curso no Brasil e no mundo, para o qual o

---

são 'dionisíacas', para usar a velha palavra revivida por um antropologista norte-americano para designar bem conhecido tipo de conduta humana; em outras regiões ou áreas são 'apolíneas'; ou, ainda, de um tipo intermediário." Cf. Freyre, Gilberto Freyre. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1971, p. 97. Para o entendimento das noções de apolíneo e dionisíaco de H. L. Mencken, ver *The philosophy of Friedrick Nietzsche*, especialmente o capítulo "Dionysus vs. Apollo".

77 Pallares-Burke, M. L. G, op. cit., p. 109. Assim como H. L. Mencken, Havelock Ellis apresenta uma biografia de Nietzsche que pode ter contribuído para o retrato de Nietzsche de Freyre, embora seu livro dedicado a Nietzsche, *Affirmations:* essays on Nietzsche, Casanova, Zola, não se encontre na biblioteca pessoal de Freyre. De Havelock Ellis, encontram-se os seguintes livros na biblioteca de Freyre: *Impressions & comments:* second serie 1914-1920, edição de 1926; *The dance of life,* edição de 1923; *The soul of Spain*, edição de 1927; e *My life*: autobiography of Havelck Ellis, edição de 1939.

78 Lefebvre, H. *Nietzsche*. Trad. esp. Angeles H. de Gaos. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1940, p. 139, tradução nossa. No original: "Si Nietzsche hubiera vivido tan largamente como Goethe o Kant, habría visto formarse este movimiento que tan ruidosamente le invoca: el hitlerismo".

mesmo jornal serviu de suporte.[79] Embora não negue uma resposta positiva para a pergunta, reconhecendo, inclusive, haver "uma enorme bibliografia para provar a participação de Nietzsche na ideologia nazista", o autor acentua as contradições de Nietzsche. Com isso, afirma que, ao prevalecer um "Nietzsche brutal" no "Nietzsche de Hitler", um outro foi obliterado:

> *Ao olhar para Nietzsche, para os olhos vagos, para a testa larga, os bigodes espessos, a boca triste, Hitler não só fixava o gênio que ele amava; ele fixava também a imagem da loucura que era a sua própria. O seu filósofo queria reformar o homem e ele quer somente dominar o mundo.*[80]

O busto de Nietzsche, sob o "olhar enternecido" de Hitler capturado por uma famosa fotografia, comentada pelo autor do artigo, reflete, conclui o autor, aquele que o olha. Assim o "autorretrato expressionista" de Nietzsche pintado por Freyre, como vimos, com seus "vastos bigodes" e o "peito arrogantemente largo" em que o leitor pernambucano vislumbra "uma simulação", e de cuja guerra civil entre predisposição feminina e masculina dentro de sua personalidade Freyre reconheceu ser filho. Ao mesmo tempo, ao sublinhar que Nietzsche "queria reformar o homem", o escritor regionalista permite entrever a incompatibilidade entre as ideias de Nietzsche e as interpretações do Brasil e, especialmente, do brasileiro, interessadas em fixar uma identidade e uma cultura, com as quais Freyre se alinha, a despeito de sua singularidade e originalidade. O busto, o autorretrato... o texto de Nietzsche. O leitor, despido da filologia paciente requerida por Nietzsche, parece projetar nas entrelinhas do texto de Nietzsche a si mesmo, suas convicções e seus desejos.

---

79 Atesta não apenas o debate em torno da relação da filosofia de Nietzsche com o Nazismo, mas o estado da leitura de Nietzsche no Brasil e no mundo. Crane Brinton, por exemplo, comentado elogiosamente pelo autor do artigo, introduz o seu livro dedicado a Nietzsche, publicado em 1941, pela Harvard University Press, traduzido e publicado no Brasil em 1942, pela Companhia Editora Nacional, com a seguinte explicação: "Quero deixar bem claro que este estudo de Nietzsche não tenta analisar seu trabalho do ponto de vista de um filósofo profissional, nem estimar seu lugar na longa linhagem de tais filósofos. Essa é uma tarefa para a qual não estou preparado. Este estudo é antes uma tentativa de situar a obra de Nietzsche nas correntes mais comuns da 'opinião' em nosso tempo." Cf. Brinton, C. *Nietzsche*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1948, p. IX, tradução nossa. No original: "I wish to make quite clear that this study of Nietzsche does not attempt to analyze his work from the point of view of a professional philosopher, nor to estimate his place in the long line of such philosophers. That is a task for which I am not prepared. This study is rather an attempt to place Nietzsche's work in the more general currents of 'opinion' in our time."

80 Rego, J. L. do. O Nietzsche de Hitler. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 117, n. 173, p. 3, 26 jul. 1942, p. 3.

Referências

AMARAL, A. Os intelectuais e a constituinte. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 106, n. 191, p. 1, 23 ago. 1931.

BRINTON, C. *Nietzsche*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1948.

DEWULF, J. New Man in the Tropics: The Nietzschean Roots of Gilberto Freyre's Multiracial Identity Concept. *Luso-Brazilian Review,* v. 51, n. 1, p. 93-111, jun. 2014.

DIAS, G. *Nietzsche no Brasil (1922-1945)*: modernistas e intérpretes do país. São Paulo: Editora Unifesp; Grupo de Estudos Nietzsche, 2023.

FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. Edição crítica, Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca, coordenadores. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, São José: ALLCA XX, 2002.

FREYRE, G. Da outra América. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 97, n. 277, p. 1-2, 23 out. 1921.

FREYRE, G. Gilberto Freyre: "minha frustração é não ter sido governador de Pernambuco". Entrevista a Lêda Rivas. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 155, n. 72, seção C, p. 1, 15 mar. 1980.

FREYRE, G. Mencken. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 99, n. 247, p. 3, 25 out. 1923.

FREYRE, G. *Novo mundo nos trópicos*. Trad. Olívio Montenegro e Luiz de Miranda Corrêa, revista pelo autor. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

FREYRE, G. *Ordem e progresso.* São Paulo: Global, 2013.

FREYRE, G. *Tempo morto e outros tempos*: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). 2. ed. São Paulo: Global; Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006.

GARCIA, A. L. M. Gilberto Freyre encontra Nietzsche: diálogo crítico e relevância histórica. *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 7, n. 2, p. 8-28, jul./dez. 2016.

GISEL, P. Perspectivismo nietzscheano e discurso teológico. In: *Nietzsche e o Cristianismo*. Trad. Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 102-112.

GOLDBERG, I. *The Man Mencken:* A Biographical and Critical Survey. New York: Simon & Schuster, 1925.

LEFEBVRE, H. *Nietzsche*. Trad. esp. Angeles H. de Gaos. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1940.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal:* prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. *Aurora:* reflexões sobre os preconceitos morais. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, F. *Humain, trop humain:* première partie. Trad. A.-M. Desrousseaux. Paris: Mercure de France, 1921. vol. 2.

PALLARES-BURKE, M. L. G. *Gilberto Freyre:* um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

REGO, J. L. do. O Nietzsche de Hitler. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 117, n. 173, p. 3, 26 jul. 1942.